


concentração mental, se inflamara uma estrela de prata translúcida, de cujo centro se irradiava, docemente, toda uma chuva de raios lírios, inundando o salão.

Fantini estava comovido, mas Evelina, qual sucedia a muitos dos companheiros ali congregados, não conseguia jugular o pranto que lhe vinha em onda crescente do coração aos olhos.

A senhora Serpa não saberia explicar a razão da emotividade que lhe assaltara os recessos do espírito, extremamente sensibilizada como se achava, ignorando se devia aquelas abençoadas lágrimas às aspirações para o Céu ou às saudades da Terra... Não mais ouviu as derradeiras palavras do ministro, ao encerrar o ofício da noite. Sabia apenas que se amparava agora de maneira total no braço do amigo, junto de quem se retirou do recinto, soluçando...



13

Tarefas novas

Fundamente sensibilizados com as apreciações ouvidas no templo, Evelina e Ernesto solicitaram admissão à caravana socorrista que o Irmão Cláudio presidia, em visita semanal à região dos companheiros perturbados e sofredores.

Aquele mesmo amigo do Instituto de Ciências do Espírito atendeu-lhes o pedido com simpatia e benevolência e, mais alguns dias passados, vamos encontrar os dois amigos integrando operoso conjunto de serviço, que passava, então, ao número de oito pessoas, cinco homens e três mulheres, entre as quais se achava a irmã Celusa Tamburini.

Na peregrinação de fraternidade, a equipe descia na direção de vale extensíssimo, destinando-se especialmente naquele dia ao culto do Evangelho, no lar de Ambrósio e Priscila, casal que desempenhava o encargo de guardiães, dentre os muitos sediados na fronteira, que assinala os pontos iniciais da zona conflagrada pelas projeções mentais dos irmãos em desequilíbrio.

Tão logo se lhes descortinou mais ampla faixa da paisagem, Ernesto e Evelina não conseguiam sopitar as expressões de assombro. Densa névoa, a patentear-se por diversas tonalidades de cinza, barrava a província em toda a linha divisória. Pela primeira vez, enxergaram nos céus máquinas voadoras que se dirigiam da cidade para o território sombrio, semelhantes a grandes

borboletas silenciosas refletindo o sol que lhes punha à mostra as asas, como que estruturadas em pedaços de arco-íris.

Fantini desfechou para logo uma indagação, a que Cláudio respondeu, satisfeito:

— São aparelhos volantes, em que viajam comissões de trabalho, em tarefas de identificação e assistência.

— A região é tão grande assim?

— Imagine um deserto planetário, com muitas semáreas de área, marginadas por cidades ordeiras e prósperas, e terá a exata noção do que nos ocorre aqui.

— E esses viajantes, através do ar, desencarnados como estão, acaso não lograriam seguir adiante, sem esses engenhos, usando o poder de volitação que lhes é próprio?

O chefe sorriu e ponderou:

— Tudo na vida se rege por leis. Um pássaro terrestre possui asas e foge do campo incendiado, por não suportar-lhe a cortina de fumo. Um bombeiro, a fim de penetrar numa casa invadida de fogo, veste roupa defensiva.

E aditou:

— Achemo-nos à frente de perigosa extensão de espaço, habitada por milhares de criaturas rebeldes que constroem, à custa dos próprios pensamentos em devário, o ambiente desolado que se nos impõe à vista. Aí, nesse mundo diferente, somos defrontados pelas mais estranhas edificações, todas elas caricaturas dos abrigos domésticos de que os donos abusaram na experiência física, uma verdadeira floresta de fluidos condensados, retratando as ideias e manias, ambições e caprichos, remorsos e penitências dos moradores. Temos aí, nessa faixa umbralina, todo um estado anárquico, em que o individualismo se desborda na hipertrofia da liberdade, sem os constrangimentos benéficos da disciplina,

que nos faz realmente livres pela voluntária sujeição de nossa parte aos dispositivos das Leis de Deus.

— E porque Deus permite a formação desses quistos gigantescos de perturbação e desordem? — inquiriu Ernesto, num rasgo de lógica humana.

— Ah! meu amigo — obtemperou o Irmão Cláudio —, sempre que indagamos de nossos Maiores porque não interfere a Divina Providência no campo da inteligência corrompida no mal, a resposta invariável é que o Criador exige sejam as criaturas deixadas livres para escolherem o caminho de evolução que melhor lhes pareça, seja uma avenida de estrelas ou uma vereda de lama. Deus quer que todos os seus filhos tenham a própria individualidade, creiam nele como possam, conservem as inclinações e gostos mais consentâneos com o seu modo de ser, trabalhem como e quanto desejem e habitem onde quiserem. Sòmente exige — e exige com rigor — que a justiça seja cumprida e respeitada. «A cada um será dado segundo as suas obras». Todos receberemos, nas Leis da Vida, o que fizermos, pelo que fizermos, quanto fizermos e como fizermos. De conformidade com os Preceitos Divinos, podemos viver e conviver uns com os outros, consoante os padrões de escolha e afetividade que elejamos; entretanto, em qualquer plano de consciência, do mais inferior ao mais sublime, o prejuízo ao próximo, a ofensa aos outros, a criminalidade e a ingratidão colhem dolorosos e inevitáveis reajustes, na pauta dos princípios de causa e efeito que impõem amargas penas aos infratores. Somos livres para desenvolver as nossas tendências, cultivá-las e aperfeiçoá-las, mas devemos concordar com os Estatutos do Bem Eterno, cujos artigos e parágrafos estabelecem sejam feitas e mantidas, no bem de todos e no amparo desinteressado aos outros, as garantias de nosso próprio bem.

Atingindo a orla escura da esquisita povoação, que

começava, aqui e além surgiam criaturas andrajosas e alheadas.

Não se podia afirmar fossem criaturas análogas aos mendigos de alguma praça terrena em penúria. Esse ou aquele habitante do imenso arrabalde davam a ideia de pessoas que o orgulho ou a indiferença tornavam espiritualmente distantes. De par com esse gênero de transeuntes, outros apareciam entremostrando ironia e desprezo na mímica escarnecedora com que apontavam os viajantes ou a estes se dirigiam. Quase todos exibiam roupas estranhas, cada qual obedecendo às condições e dignidades a que supunham pertencer.

A uma pergunta desfechada por Fantini — pois Evelina e ele eram os únicos adventícios na equipe socorrista — Cláudio observou:

— De modo geral, os milhares de irmãos que se abrigam nestas paragens não se aceitam como são. Habitaram-se de tal maneira às simulações — aliás, muitas vezes, necessárias — da experiência física, que se declaram ofendidos pela verdade. Viveram, anos e anos, na esfera carnal, desfrutando essa ou aquela consideração pelos valores de superfície que exibiam, enfiados, e não se conformam com a supressão dos enganos e privilégios imaginários de que se alimentavam... Narcisos fixados à própria imagem na retaguarda... Muitos se transferiram diretamente da vida física para a região nebulosa sob nossa vista, e outros muitos habitaram, logo após a desencarnação, cidades de recuperação e adestramento, semelhantes à nossa; entretanto, à medida que se evidenciavam, tais quais ainda são na realidade, absolutamente sem quaisquer simulacros dos muitos de que se valiam na estância terrestre para descobrir o «eu» verdadeiro, rebelaram-se contra a luz do Mundo Espiritual que nos expõe à mostra a natureza autêntica, uns diante dos outros, e fugiram de nossas coletividades, asilando-se no vale de sombras geradas

por eles mesmos. Aí, na penumbra criada pela força mental que lhes é própria, com o objetivo de se esconderem, dão pasto, em maior ou menor grau, às manifestações da paranóia a que todos se afeiçoam, entregando-se igualmente, em muitos casos, a lastimáveis paixões que procuram debalde saciar, até as raias da loucura.

— Irmão Cláudio — lembrou Evelina —, o senhor já penetrou nestes sítios, atingindo algum ponto distanciado da orla?

— Já acompanhei diversas caravanas de fraternidade e socorro, utilizando veículos diversos, alcançando praças estabelecidas muito longe de nós...

— E que viu?

— Cidades, vilarejos, povoações e aldeamentos vários, em cujo seio Espíritos de inteligência cultivada e vigorosa, mas profundamente pervertidos, dominam enormes comunidades de Espíritos menos hábeis no comando das situações; contudo, tão pervertidos, via de regra, quanto eles mesmos.

Cláudio sorriu e ressaltou:

— Quando digo a palavra «pervertidos», não me proponho a julgar os nossos irmãos transitória e encastelados na sombra. Desejo apenas qualificar, para a compreensão de quem chegou recentemente da vida física, a posição desses amigos doentes. Aliás, consideramo-los tão enfermos, quanto os nossos irmãos alienados mentais de qualquer hospício da Crosta Planetária, credores de nosso melhor carinho. E saibamos, com entranhado respeito, que numerosos pais e mães, esposos e esposas, filhos e pessoas amadas de muitos dos companheiros transviados nestas regiões sombrias aí residem, por mero devotamento, na situação de heróis obscuros, em admiráveis apostolados de amor e renúncia, a benefício dos que se enrijecem no erro, de modo a reconduzi-los ao reequilíbrio necessário, preparando-se para as novas reencarnações que os esperam. Esses pa-

ladinos da bondade e da paciência parecem escravizados aos infelizes que amam; no entanto, pela cátedra do sacrifício da humildade que esposam, acabam conseguindo prodígios pela força irresistível do exemplo.

A casa singela de Ambrósio já se debuxava a distância, quando Fantini, como quem não desejava perder o fio dos raciocínios em andamento, inquiriu ainda:

— Irmão Cláudio, são geralmente muitos os que são resgatados pela dedicação afetiva daqueles que os tutelam nestes lugares?

— Sem dúvida. Todos os dias, chegam às nossas casas de reajuste pequenos ou grandes magotes dos que aspiram a renovar-se.

— E permanecem na cidade, indefinidamente?

— Isso não. Com poucas variantes, demoram-se conosco apenas o tempo preciso ao exame da nova reencarnação, em que regressam aos disfarces da carne, sem os quais, segundo acreditam, não conseguem seguir à frente, nas veredas da regeneração. Entre o cansaço da erraticidade nas sombras da mente e o terror da luz espiritual que confessam não suportar sem longa preparação, suplicam o socorro da Providência Divina e a Divina Providência lhes permite a nova internação na armadura física, na qual se reocultam, lutando pela própria corrigenda e pelo burilamento próprio, encobertos transitória e no engenho carnal, que, pouco a pouco, se desgasta, pondo de novo, à mostra, o bem ou o mal que fizeram a si mesmos, no período da encarnação. Obtido o empréstimo do novo corpo, via de regra junto daqueles que se lhes fizeram cúmplices nos desvarios do pretérito ou que se lhes afinam com o tipo de débitos e resgates consequentes, esses candidatos à recapitulação expiatória do passado imploram medidas contra eles mesmos, seja na escolha de ambiente doméstico em desacordo com os seus ideais ou na formação do futuro corpo de que farão uso, corpo esse que, muitas vezes,

desejam seja bloqueado em determinadas funções, prevenindo-se prudentemente contra as tendências inferiores que, em outro tempo, lhes facilitaram a queda.

— Isso quer dizer que pedem certas cassações em desfavor deles mesmos? — interpôs Fantini com a sua habitual agudeza de raciocínio.

— Sim, cassações. Em vista disso, encontramos na Terra, a cada passo, grandes talentos frustrados para a direção que anelariam imprimir aos próprios destinos... Inteligências vigorosas, desde cedo, barradas na obtenção de quaisquer louros acadêmicos e, por essa razão, detidas em artesanatos obscuros ou encargos singelos, em longa e dolorosa subalternidade, nos quais entesouram humildade e equilíbrio, paz e moderação; artistas contrariados nas mais altas aspirações, arrastando defeitos físicos e inibições outras que lhes obstam temporariamente as manifestações e sob as quais adquirem a reeducação dos próprios impulsos com o respeito necessário para com os sentimentos do próximo; mulheres de profunda capacidade afetiva jungidas a corpos que lhes deprimem a apresentação, aprendendo em terríveis conflitos da alma quanto dói a deserção do lar e o menosprezo aos compromissos da maternidade; homens hábeis e enérgicos, carregando frustrações insidiosas e ocultas que lhes proíbem a euforia orgânica, no estágio físico, de modo a edificarem o espírito de entendimento e caridade, no âmago de si próprios...

A palestra admirável, que valera por aula inesquecível no ânimo dos ouvintes, foi repentinamente interrompida pelo abraço de Ambrósio e Priscila que aguardavam os peregrinos fora das portas.

Saudações, bênçãos, votos, alegrias.

O serviço religioso no lar se revestiu das características do Evangelho em casa, nos domicílios cristãos da Terra.

Havia, porém, ali, naquela tenda simples, valioso

trabalho de extensão do apoio espiritual aos amigos sofredores da vizinhança.

Vinte e duas entidades, das quais vinte mulheres e dois homens, tinham vindo do *grande nevoeiro* próximo, a fim de ouvirem a palavra do Irmão Cláudio, entremostrando anseios de tranquilidade e transformação.

Desdobraram-se as tarefas nos moldes das reuniões evangélicas do mundo, suplementadas pela conhecida orientação espírita cristã, portadora da interpretação respeitosa, mas livre, dos ensinamentos do Senhor.

Na fase terminal, passes de reconforto e mensagens de esclarecimento, advertência e ternura.

Ocasões de serviços repontaram do quadro para Ernesto e Evelina, que, por designação do orientador, suavizaram os padecimentos de duas das irmãs visitantes, a se cobrirem de lágrimas, depois dos comentários ouvidos.

Toda a equipe se dedicava a conversação edificante, às despedidas, acompanhando os frequentadores humildes da sementeira evangélica, fora da casa, quando, emergindo da névoa, compacto grupo de Espíritos zombeteiros e dementados apareceu.

Explodiram impropérios, entremeados de vaias e ditos chulos.

Prevenindo, especialmente aos dois recrutas, Cláudio avisou:

— Não se aflijam. A ocorrência é normal...

— Patifes! Sumam, sumam daqui! (1) — rugiu um dos atacantes de vozeirão descomunal — não queremos sermões, nem encomendamos conselhos.

(1) Compreendemos a inconveniência das citações pejorativas; entretanto, embora esmaecidas, acreditamos que as reações dos companheiros menos felizes, internados em regiões hospitalares ou purgatoriais, devem comparecer no presente relato, de modo a não fugirmos do encontro com a verdade. — *Nota do autor espiritual.*

Amainando a saraivada de insultos, Cláudio tomou a palavra e falou alto, sem alterar-se:

— Irmãos!... Para aqueles de vós que desejais vida nova com Jesus, somos companheiros mais íntimos desde agora!... Vinde à verdadeira libertação! Unamo-nos em Cristo!...

— Hipócritas!... — reagiu a mesma voz troante, seguida pelas gargalhadas irônicas de muitos — nada temos com Jesus!... Mascarados! Vocês todos são iguais a nós, vestidos na capa de santarrões!... Nós é que podemos chamar vocês para a liberdade!... Larguem as asas de barro!... Anjos cotós! Cães enfeitados!... Vocês são tão humanos, quanto nós mesmos!... Se são corajosos, deixem de ser burros velhos no freio da disciplina e venham ser livres como somos!...

Dito isso, a malta avançou sobre o grupo fraterno, mas Cláudio, evidentemente em oração, ergueu a destra e um fio de luz cortou o pequeno espaço que isolava os agressores.

A chusma de infelizes estacou, aterrada. Alguns deles caíram no solo, como que traumatizados por força incoercível, outros resistiram vomitando injúrias, ao passo que outros ainda fugiam em disparada... Todavia, dentre aqueles que se mantinham de pé, um deles, muito jovem, bradou com acento inesquecível:

— Evelina!... Evelina!... E' você aqui? ... Oh! Estou vivo, estamos vivos!... Quero Jesus! Jesus!... Socorro! Socorro!... Quero Jesus!...

Cláudio aquiesceu, compadecido:

— Vinde!... Vinde!...

O moço arrancou-se da quadrilha, seguiu na direção que Cláudio lhe indicava e, em poucos momentos, a senhora Serpa, trêmula e consternada, tinha diante de si Túlio Mancini, aquele mesmo rapaz a quem amara noutra tempo e que, segundo estava convencida, havia descambado nas trevas do suicídio por sua causa.